

Estratégias de indeterminação de sujeito nas línguas bantu: o caso da língua ronga

Subject indetermination strategies in bantu languages: the case of the ronga language

Ernesto DIMANDE

Universidade Eduardo Mondlane
dimande40@gmail.com



Resumo: No presente artigo discutimos as estratégias de indeterminação de sujeito na língua ronga, uma língua bantu integrada no grupo *Tswa-Ronga* (S50), falada na Província e Cidade de Maputo. A discussão deste tema tem como objetivo identificar estratégias que os falantes desta língua adotam no processo de indeterminação de sujeito. A análise de dados recolhidos através de um questionário estruturado e administrado a 20 falantes nativos da variante dialectal *Xinondrwana* e analisados com base nas abordagens de Mito, Silva e Lopes (2004), Perini (2010), Bechara (2010) e Cunha e Cintra (2011), sugere que para os falantes desta língua indeterminar o sujeito implicam a adoção de três estratégias: *i.* flexão do verbo na 3ª pessoa do plural; *ii.* uso da passiva, através dos morfemas indeterminadores *ku-* e *-iw-*; e *iii.* o preposicionamento de sujeito com referência genérica.

Palavras-chave: língua ronga; sujeito gramatical; sujeito indeterminado.

Abstract: In the present article we discuss the strategies of subject indetermination in the ronga language, a bantu language integrated in the Tswa-ronga group (S50), spoken in the Province and City of Maputo. The discussion of this topic aims to identify strategies that speakers of this language adopt in the process of subject indetermination. The analysis of data collected through a structured questionnaire administered to 20 native speakers of the xinondrwana dialectal variant and analyzed based on the approaches of Mito, Silva and Lopes (2004), Perini (2010), Bechara (2010) e Cunha e Cintra (2011), suggests that for speakers of this language to indeterminate the subject, three strategies can be adopted: *i.* inflection of the verb in the 3rd person plural; *ii.* use of the passive, through the indeterminer morphemes *ku-* and *-iw-* and *iii.* subject preposition with generic reference.

Keywords: ronga language; grammatical subject; undetermined subject.

1 INTRODUÇÃO

O sujeito gramatical de uma construção como “termo da oração que está em relação de concordância com o NdP” (PERINI, 2005, p. 77) pode ter uma referência definida, indefinida ou vazia. Para indeterminar este elemento imediato da frase, os falantes de determinadas línguas recorrem a diferentes estratégias linguísticas, tendo em conta as características específicas de cada língua. Em relação às estratégias de indeterminação de sujeito, as línguas naturais não se comportam de forma homogênea.

O processo de indeterminação do sujeito é objeto de estudo em várias línguas naturais, como por exemplo, Português, Espanhol, Francês e Italiano. Entre os diversos trabalhos desenvolvidos nestas línguas referimos, a título de exemplo, Bechara (2010), no Português do Brasil (PB)¹; Lunguinho e Medeiros Júnior (2009), também no PB; Mendonça e Nascimento (2015), no PB, Português Europeu (PE); Durante (2016), no PB e PE; Oliveira (2018), nas línguas italiana, espanhola e francesa; Souza e Sousa (2019), no PB; e Quarezemin e Fuchsberger (2020), no PB e PE. Nestes, e em outros estudos consultados, os pesquisadores identificam as tradicionais estratégias de indeterminação de sujeito; apontam as estratégias inovadoras que resultam da evolução das línguas e discutem a influência do parâmetro *pro-drop* na adoção destas. Apesar do avanço científico em termos de abordagem desta temática, a sintaxe do sujeito, ainda carece, para alguns pesquisadores, de explicitação de todos aspectos sintáticos.

Contrariamente às abordagens acima apresentadas, ao nível das Línguas Bantu (LB) no geral e, particularmente da língua ronga, a discussão da sintaxe do sujeito indeterminado ainda carece de estudos capazes de responder a perguntas básicas, entre as quais: *i.* que estratégias de indeterminação do sujeito gramatical são usadas pelos falantes? *ii.* Morfologicamente, quais são os morfemas de indeterminação deste elemento? e *iii.* do conjunto das estratégias adotadas, qual é a mais recorrente?

O presente artigo, com o título “Estratégias de indeterminação de sujeito nas línguas bantu: o caso da língua ronga”, surge no contexto das inquietações acima apresentadas e nele pretendemos discutir a sintaxe do sujeito nas LB. Especificamente, objetivamos, por um lado, apresentar as estratégias de codificação do sujeito indeterminado e, por outro lado, identificar os respectivos morfemas indeterminadores.

¹ Lista de abreviaturas:

CN – classe nominal; Ext. Pass – extensão passiva; Fut – futuro; LB – línguas bantu; LOC – locativo; MCS – marca de concordância de sujeito; NdP – núcleo de predicado; Part. Gen. – partícula genitiva; Pas – passado; Pass – passiva; PB – Português do Brasil; PE – Português Europeu; PN – prefixo nominal; VF – vogal final.

A análise avançada neste artigo está ancorada nas abordagens de Miotto, Silva e Lopes (2004), Perini (2010), Bechara (2010) e Cunha e Cintra (2011), dos quais adotamos o conceito de sujeito gramatical; os parâmetros da classificação de sujeito e, especificamente, o conceito de sujeito indeterminado, que nortearam a discussão dos dados que suportam a pesquisa. Estes dados foram recolhidos nos distritos de Maracuene, Matola e Boane, onde é falada a variante dialectal *Xinondrwana*, através de um questionário estruturado, em que solicitamos que os informantes apresentassem exemplos de frases produzidas nos contextos em que desconhecem o sujeito gramatical ou quando, por alguma razão, não se deseja revelar a identidade deste elemento sintático. Posteriormente, os exemplos fornecidos foram apresentados a outros informantes, igualmente falantes nativos, para efeitos de avaliação da gramaticalidade.

O questionário estruturado acima referido foi administrado a um universo de vinte falantes nativos da língua ronga, entre os quais, oito mulheres e doze homens, residentes na Província de Maputo, especificamente nos três distritos acima mencionados. As suas idades variam entre os 20 e os 75 anos de idade. Trata-se de informantes trilingues, sendo que para além de Ronga e uma outra língua do grupo *Tswa-Ronga* (S50), também falam Português, a língua oficial da República de Moçambique.

Para permitir a identificação da origem dos dados apresentados ao longo do artigo, em frente a cada um dos dados descritos, apresentamos a respectiva fonte em forma de sigla que inclui o gênero do informante, a sua idade e o local. Assim, [H45Mar] significa informante do sexo masculino (H), de 45 anos de idade, residente em Marracuene (Mar). Ainda sobre o local, *Mat* e *Bo* significam Matola e Boane, respectivamente.

Em termos estruturais, o artigo compreende cinco seções. Esta introdução faz parte da primeira seção, onde contextualizamos a pesquisa, apresentando o tema, os objetivos que almejamos alcançar e a metodologia que adotamos durante a pesquisa. A seguir a esta, temos a segunda seção, onde fornecemos, de forma sucinta, alguns subsídios da língua ronga, destacando o grupo linguístico a que ela pertence; o local onde ela é falada; as suas variantes dialectais e algumas características morfológicas. A terceira seção é dedicada ao estado de arte sobre a indeterminação de sujeito nas línguas naturais, com destaque para Português, Espanhol, Francês e Italiano. Seguidamente, temos a quarta seção, onde discutimos as estratégias de indeterminação de sujeito na língua ronga. Por último, temos a quinta seção, na qual destacamos os aspectos mais importantes da pesquisa.

2 ELEMENTOS DA LÍNGUA RONGA

De acordo com Siteo, Mahumane e Langa (2008) e Ngunga e Faquir (2012), a língua ronga, (S54) na classificação de Guthrie (1967-71), é uma LB integrada no grupo *Tswa-Ronga* (S50), juntamente com outras três línguas, designadamente Changana (S53), Gwamba (S52) e Tshwa (S51). Estas quatro línguas, de acordo com Conceição (1999) e Ngunga e Faquir (2012), caracterizam-se por uma inteligibilidade mútua, o que permite que o falante de uma delas compreenda as outras línguas do grupo. Todavia, em termos comparativos, Conceição (1999) defende que a que possui maior grau de inteligibilidade com Ronga é Changana, não obstante existirem termos específicos para cada uma delas.

A língua ronga, de acordo com Siteo, Mahumane e Langa (2008) e Ngunga e Faquir (2012), é falada na região sul de Moçambique, concretamente na Província de Maputo (distritos de Manhiça, Marracuene, Matola, Boane, Namaacha, Matutuíne e Moamba); Cidade de Maputo (distritos municipais de *KaMpfumo*, *Nlhamankulu*, *KaMaxakeni*, *KaMavota*, *KaMubukwana*, *KaTembe* e *KaNyaka*) e províncias de Gaza e Inhambane.

Para além das regiões acima apresentadas, Conceição (1999) defende que a língua ronga é transfronteiriça, uma vez que é igualmente falada “in neighboring areas of Zimbabwe and South Africa” (CONCEIÇÃO, 1999, p. 9). Concordando com a autora, Ngunga e Faquir (2012) clarificam que nestes dois países esta língua é falada na zona meridional e na Província do Transvaal, respectivamente. Na mesma linha e sem especificar o local, Chambo et al. (2020) acrescentam que esta língua é também falada no Reino de Eswatini. Sobre este aspecto, defendemos que o uso desta língua, nestes países, decorre da delimitação irregular das fronteiras geográficas do continente africano pelas potências europeias, na sequência das deliberações tomadas na Conferência de Berlim. A divisão de África em diferentes estados não observou a geografia das comunidades linguísticas africanas, o que resultou na fragmentação destas em diferentes estados. É neste contexto que a comunidade linguística *tsonga* foi subdividida em quatro países, a saber: Moçambique, África de Sul, Zimbabwe e Eswatini. É por isso que a par de Ronga, Changana também tem falantes em cada um destes estados.

Como sucede com qualquer língua natural, a língua ronga apresenta variações dialectais, tendo em conta os diferentes locais onde é falada. Assim, Siteo, Mahumane e Langa (2008) e Ngunga e Faquir (2012) consideram que esta língua possui quatro variantes dialectais, nomeadamente, *Xizingili* ou *Xiputru*, falada na região que se estende de Ponta de Ouro à Catembe, incluindo a Ilha de Inhaca; *Xikalanga* ou *Xilwandle* (*Xintimana*), falada no distrito da Manhiça; *Xinondrwana*, nos

distritos de Maracuene e Boane e Cidades de Maputo e Matola; e *Xihlanganu*, falada nos distritos de Moamba e Namaacha.

Uma das características das LB é a organização de nomes em classes nominais (CN), de acordo com a orientação semântica, e em prefixos nominais (PNs). Vale recordar que, ao nível da Linguística Bantu, uma CN constitui “sets of nouns that trigger the same agreement pattern” (VAN DE VELDE, 2019, p. 238). Na mesma linha, Ngunga (2014) define CN como um “conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou o mesmo padrão de concordância” (NGUNGA, 2014, p. 122). Por conseguinte, estes dois linguistas, com quem concordamos, contrariam a visão de Ribeiro (2010), para quem uma CN constitui um “grupo de substantivos que possuem potencialmente os mesmos prefixos e que têm sentido geral semelhante” (RIBEIRO, 2010, p. 54). Na verdade, como mostraremos ao longo do artigo, tanto a semelhança prefixal quanto de conteúdo semântico não implicam que os substantivos sejam da mesma CN.

Embora a distribuição de nomes em CNs seja uma característica comum das LB, o número de CNs apresenta uma variação interlinguística, “de acordo com a evolução fonética dos idiomas particulares” (NGUNGA, 2014, p. 125). Entretanto, apesar desta variação, “It is accepted that most languages have a minimum of 10 and a maximum of 19 or 20 classes” (CANONICI, 1991, p. 74). Para o caso da língua em estudo, a literatura defende que atualmente existem 13 CNs, conforme veremos.

Em termos semânticos, importa referir que a organização de nomes em CNs com base no fator semântico não é seguida taxativamente, visto que as classes albergam nomes semanticamente estranhos. Na mesma linha, Ribeiro (2010) considera ténue qualquer tentativa de estabelecimento de relação de sentido entre os nomes de uma determinada CN. Na perspectiva de resolver esta arbitrariedade semântica, Ngunga (2014) propõe o uso de advérbios de modo como: “principalmente”, “predominantemente”, “sobretudo” e “basicamente”, dando conta da orientação semântica dos nomes que mais abundam em uma determinada, conforme o quadro que se segue:

Quadro 1 – Classes nominais da língua ronga

CN	Prefixos	Orientação semântica	Exemplos
1	mu- (n'w-, n- e Ø)	seres vivos humanos, principalmente	mu-nghanu 'amigo'
2	va-		va-nghanu 'amigos'
3	mu- (n'w-, n- e Ø)	plantas, predominantemente	m-bomu 'limoeiro'
4	mi-		mi-mbomu 'limoeiros'
5	li- (Ø)	animais e frutos, sobretudo	Ø-khele 'sapo'
6	ma-		ma-khele 'sapos'
7	xi-	coisas, basicamente; línguas e costumes	xi-fenyo 'pente'
8	svi-		svi-fenyo 'pentes'
9	(yi)N- (Øm- ou n-)	alguns seres do reino animal, e outros	m-bongolo 'burro'
10	ti(N)-		ti-mbongolo 'burros'
11	li-	coisas longas, principalmente	li-kuku 'esteira'
14 ²	vu-/wu-	substâncias e abstractos	wu-tivi 'saber'
15	ku-	nomes verbais; infinitivo verbal	ku-dondra 'estudar'

Fonte: elaborado pelo autor.

No quadro acima apresentamos as CNs, os PNs, a orientação semântica de cada classe e os respectivos nomes ilustrativos. Nela, constatamos que, de fato, na língua ronga existem 13 CNs, das quais, de 1 a 10 organizam-se aos pares, sendo que as CNs 2, 4, 6, 8 e 10 constituem o plural das classes 1, 3, 5, 7 e 9, respectivamente. Particularmente, a classe 11 também faz plural através da classe 10.

Semanticamente, apesar de cada um dos exemplos apresentados estar alinhado com a orientação semântica da respectiva CN, é inegável que, em cada uma das 13 CNs, existem nomes desenquadrados. A título ilustrativo, temos os nomes **mpóhlo/mi-mpóhlo** 'moço(s) bonito(s)'; **øjaha/majaha** 'rapaz(es)'; **xiduhati/sviduhati** 'velho(s)' e **nghavana/tinghavana** 'prostituta(os)' que embora designem seres humanos, não estão nas classes 1 e 2, mas sim, nas classes 3 e 4, 5 e 6, 7 e 8 e 9 e 10, respectivamente. Aliás, é preciso destacar que mesmo as CNs 1 e 2 também albergam nomes de seres não humanos, como por exemplo, **mahulwána/vamahulwána** 'curiango(s)'; **n'wábola/van'wábola** 'certo(s) arbusto(s) trepador(es)'; **ncwale/vancwale** 'lontra(s)' e **n'wankolela/van'wánkolela** 'enguia(s)'.

2 A ausência das classes nominais 12 e 13 neste quadro justifica-se pelo facto de os respectivos prefixos não serem produtivos. Todavia, seguindo tradição de Doke (1967), isto não implica que as classes 14 e 15 passem para 12 e 13, respectivamente.

A arbitrariedade semântica na distribuição de nomes em CNs não se verifica apenas na língua ronga. Ela também se regista em outras LB. Por isso, considerando os dados da língua em estudo, somos obrigados a concordar com Kimenyi (1980) ao referir que: “These classes have no semantic function whatsoever, since nouns which belong to the same semantic category as well as nouns which belong to the same semantic class are found in different classes.” (KIMENYI, 1980, p. 4). Na mesma esteira, Zorc e Nibagwire (2007) referem que a ausência de correlação entre CN e semântica dos nomes também se verifica em Kinyarwanda e Kirundi, visto que os nomes de partes de corpo humano “are distributed among all noun groups except group 1 (the human class)” (ZORC; NIBAGWIRE, 2007, p. 56).

Em termos morfológicos, a coluna referente aos PNs mostra que os prefixos das classes 1, 3, 5 e 9 podem realizar-se de diferentes formas. Assim, enquanto na classe 1 podemos ter **n'wáhuva/van'wáhuva** ‘mexoeira(s); **ntúkúlú/vatúkúlú** ‘neto(s)’ e **ønúná/vanúná** ‘marido(s)’ e na classe 3, **n'wálá/min'wálá** ‘unha(s); **øsisí/misísí** ‘cabelo(s)’ e **ønomu/minomu** ‘boca(s)’. Igualmente, na classe 5 temos **øphólisa/mapholisa** ‘polícia(s)’ e na classe 9, **ømhaká/timhaka** ‘problema(s); **mbilú/timbilu** ‘coração(ões)’ e **ndháta/tindhata** ‘pulga(s)’.

Para além dos aspectos mencionados nos parágrafos precedentes, o quadro acima apresentado também ilustra a ausência das classes diminutivas 12 e 13 e das locativas 16, 17 e 18, devido à não produtividade dos respectivos prefixos, conforme os exemplos que a seguir apresentamos, comparando com outras LB:

Chindamba

- 1a. **li-piki** ‘tree’ (CN 5)
ma-piki ‘trees’ (CN 6)
ka-piki ‘small tree’ (CN 12)
tu-piki ‘small trees’ (CN 13)

(GIBSON; ROZENN; MARTEN, 2017, p. 6)

Ronga

- b. **Ø-tihlo** ‘olho’ (CN 5)
ma- tihlo ‘olhos’ (CN 6)
***ku- tihlo**
***tu- tihlo**

Fonte: o autor.

Cinyanja

- 2a. **n-yumba** ‘casa’ (CN 5)
pa-nyumba ‘em casa’ (CN 16)
ku-nyumba ‘em direcção a casa’ (CN 17)
n'-nyumba ‘no interior da casa’ (CN 18)

(MACALANE, 2013, p. 59)

Ronga

- b. **Ø-movha** ‘carro’ (CN 3)
***pa(ha)-movha**
***ku-movha**
***mu-movha**

Fonte: o autor.

Analisando os exemplos acima constatamos que, apesar de as três línguas serem do grupo bantu, recorrem a estratégias diferentes para realizar a diminutivização e locativização morfológicas. Esta conclusão deriva do fato nas línguas chindamba e cinyanja a diminutivização e a locativização realizarem-se através dos prefixos nominais **ka-** e **tu-** (classes 12 e 13) e **pa-**, **ku-** e **mu-** (classes 16, 17 e 18), exemplos (1a) e (2a) respectivamente; enquanto que na língua ronga, a prefixação destes resulta em formas agramaticais, conforme ilustram os exemplos (1b) e (2b). São estas evidências que explicam a exclusão das CNs 12 e 13 e 16, 17 e 18 no quadro referente ao inventário das CNs da língua ronga. A desativação destes prefixos não é um fenômeno específico da língua em estudo. De facto, Doke (1967) já defendia que nas línguas *Tswa-Ronga* “Diminutives are formed by suffixing **-ana** or **-nyana** ...” (DOKE, 1967, p. 187) e que embora existam alguns rudimentos dos prefixos das classes locativas 16, 17 e 18, que atualmente funcionam como advérbios de lugar “Classes 16, 17 and 18 (prefixes: *ha-*, *ku-* and *mu-*), are no longer living noun classes...” (DOKE, 1967, p. 187).

Diferentemente das línguas chindamba e cinyanja, na língua ronga, a diminutivização e a locativização morfológicas realizam-se através dos morfemas **svi-/svi-** e **-ini**, conforme os exemplos que se seguem:

Diminutivização morfológica	Locativização morfológica
3a. \emptyset -gumana ‘manta’ (CN 5)	b. \emptyset -movha ‘carro’ (CN 3)
ma -gumana ‘mantas’ (CN 6)	mi -movha ‘carros’ (CN 4)
xi -gumat- ana ‘mantinha’ (CN 7)	movh- eni ‘no carro’
svi -tihlw- ana ‘mantinhas’ (CN 8)	mi -movh- eni ‘nos carros’
Fonte: o autor.	Fonte: o autor.

Os exemplos (3a) mostram que na língua ronga a diminutivização morfológica realiza-se através do morfema descontínuo **xi-/svi-...-ana**, sendo que a prefixação destes resulta na transferência dos diminutivos para as classes 7 e 8. Em (3b) constatamos que a locativização realiza-se através de **-ini**. Note-se que tanto na diminutivização, quanto na locativização, a sufixação de **-ana** e de **-ini** desencadeia um conjunto de processos fonológicos como, por exemplo, a elisão e a semivocalização, devido à necessidade de resolução de hiato resultante do encontro entre as vogais finais (VF) dos nomes e as vogais iniciais destes sufixos.

A discussão do sistema de CNs da língua ronga neste trabalho, especificamente dedicado à identificação das estratégias de indeterminação de sujeito, até pode parecer supérfluo. No entanto, acreditamos que este exercício é indispensável na medida em que nas LB, o

sistema de concordância sintáctica está intimamente ligado às CNs. Veja-se os exemplos:

- 4a. Xi-pixi x-anga xi-f-ile.
 7.gato 7.MC-meu 7.MCS-morrer-Pas
 'O meu gato morreu.'
- b. Svi-pixi sv-erhu svi-f-ile.
 8.gato 8.MC-nosso 8.MCS-morrer-Pas
 'Os nossos gatos morreram.'
- Fonte: o autor.

Em termos sintáticos, os exemplos acima apresentados mostram que a seleção da marca de concordância está dependente do CN do núcleo do sintagma nominal. Assim, em (4a) constatamos que como **xipixi** 'gato' é da CN 7, a MCS é **xi-**, prefixada ao pronome possessivo **-nga** e ao verbo **-f-** 'morrer'. Contrariamente, em (4b) verificamos que a mudança do núcleo para **svipixi** 'gatos', CN 8, implica automaticamente a mudança da MCS para **svi-**, CN 8.

A discussão das CNs da língua ronga é relevante, uma vez que fornece subsídios que permitem explicar as estratégias usadas pelos falantes, no processo de indeterminação de sujeito. O quadro 2 reúne as marcas de concordância seleccionadas em diferentes contextos de CNs:

Quadro 2 - Marcas de concordância sintáctica na língua ronga

CN	PI	PD	Objecto	Possessivo	Pronome	Numeral
1	mu-	a-	-mu-	va-	yene	mu-
2	va-	va-	-va-	mu-	vone	va-
3	mu-	wu-	-mu-	mi-	wone	wu-
4	mi-	yi-	-mi-	li-	yone	yi-
5	li-	dri-	-li-	ma-	drone	dri-
6	ma-	ma-	-ma-	xi-	wone	ma-
7	xi-	xi-	-xi-	svi-	xone	xi-
8	svi-	svi-	-svi-	(yi)N-	svone	svi-
9	(yi)N-	yi-	-yi-	ti(N)-	yone	yin-
10	ti(N)-	ti-	-ti-	li-	tone	tin-
11	li-	dri-	-dri-	vu-/wu-	drone	dri-
14	vu/wu-	dri-	-dri-	va-	drone	dri-
15	ku-	ku/svi-	-ku-/svi-	mu-	kone	ku-/svi-

Fonte: elaborado pelo autor.

O quadro acima apresentado mostra que cada prefixo independente (PI) selecciona o seu prefixo dependente (PD). São estes PDs

que, em construções, são prefixados aos radicais verbais, para sinalizarem os núcleos dos sujeitos gramaticais. O quadro também permite concluir que cada CN é associada a um pronome, como por exemplo, *yene* e *vone*, para o caso nos nomes das CNs 1 e 2, respectivamente.

3 INDETERMINAÇÃO DE SUJEITO NAS LÍNGUAS NATURAIS

Para a compreensão do conceito de sujeito indeterminado e das estratégias de indeterminação que os falantes de diferentes línguas adotam, se impõe, primeiro, clarificar que, no contexto deste artigo, o sujeito é conceptualizado com base no critério sintático, como “o termo da oração que está em relação de concordância com o núcleo do predicado” (PERENI, 2005, p. 76). Este conceito também é adotado por vários gramáticos, entre os quais, Bechara (2010) e Mateus et al (2003).

Segundo Azevedo, Lopes e Pinto (2009), ABorregana (2002) e Rocha Lima (2011), o sujeito pode ser classificado com base em vários critérios, entre os quais, *i.* a realização fonética na oração ou frase e *ii.* a quantidade dos seus núcleos. Considerando o critério de realização, estes autores referem que o sujeito pode ser determinado, quando foneticamente está realizado, e, por isso mesmo, identificável na oração, seja explícita ou implicitamente, e indeterminado, nos contextos em que a posição ocupada por este elemento está vazia, por não quisermos especificá-lo, podendo ser simples ou complexo. Svobodová (2014) concordando com estes autores, reitera que, por vezes, mesmo o sujeito determinado pode ser elíptico (nulo).

O sujeito é indeterminado “se não pudermos ou não quisermos especificá-lo” (ROCHA LIMA, 2011, p. 226). Na mesma linha de pensamento, Cunha e Cintra (2011) consideram que este fenómeno linguístico ocorre quando “o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a acção, ou por não haver interesse no seu conhecimento.” (CUNHA; CINTRA, 2011, p. 94), conforme os exemplos que a seguir apresentamos:

- 5a. Reputavam-no o maior comilão da cidade.
- b. Ainda se vive num mundo de certezas.

(CUNHA; CINTRA, 2011, p. 94)

Como mostram as construções acima, tanto em (5a), quanto em (5b), é impossível determinar os sujeitos gramaticais vinculados às ações, pelo fato de o interlocutor ter optado pela sua indeterminação.

Alinhando com Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2011), Brown e Levinson (2011) citados por Mendonça e Nascimento (2015) consideram que a adoção de estratégias sintáticas e/ou lexicais, com o objetivo de

indeterminar o referente, seja por não o conhecer ou por não querer se comprometer com a informação veiculada, configura-se como uma estratégia de preservação da face. Nessa perspectiva, a indeterminação do sujeito constitui uma estratégia de polidez, visto que atenua ou repara possíveis ameaças à face do locutor ou interlocutor.

Em consonância com uma visão mais tradicional da gramática, Cunha e Cintra (2011) e Quarezemin e Fuchsberger (2020) consideram que ao nível da língua portuguesa (variantes PB e PE) existem duas formas clássicas de indeterminação de sujeito gramatical, a saber: *i.* a flexão do verbo na 3ª pessoa do singular, com a partícula 'se' e *ii.* a flexão do verbo na 3ª pessoa do plural, sem antecedente explícito (referência externa), conforme documentam os exemplos que a seguir apresentamos:

- 6a. **Dizem** que os políticos corruptos serão condenados.
- b. **Jogaram** muito lixo na rua no último carnaval.

- 7a. **Falava-se** muito sobre a irmã do Pedro naquela época.
- b. Naquela cidade não **se vive** mais tranquilo.

(OLIVEIRA, 2018, p. 32)

- 8a. Na Casa **pisavam** sem sapatos, e **falava-se** baixo.

(CUNHA; CINTRA, 2011, p. 143)

Os exemplos acima apresentados mostram que, enquanto em (6) a impossibilidade de identificar os sujeitos gramaticais das ações resulta do fato de os verbos “dizer” e “jogar” estarem flexionados na 3ª pessoa do plural, sem antecedente explícito, em (7) constatamos que a indeterminação deste elemento frasal resulta da flexão dos verbos “falar” e “viver” na 3ª pessoa do singular, acompanhados pela partícula ‘se’, o índice de indeterminação do sujeito. Em (8), Cunha e Cintra (2011) mostram que estas duas estratégias de indeterminação de sujeito podem concorrer num mesmo período.

Em termos de frequência de ocorrência das duas estratégias de indeterminação do sujeito no PB, Quarezemin e Fuchsberger (2020) defendem que a primeira estratégia é a mais produtiva, sendo que nestes contextos expressa um passado próximo ou distante, “não sendo possível seu uso com a interpretação de um aspecto habitual ou futuro” (QUAREZEMIN; FUCHSBERGER, 2020, p. 99). Contrariamente a esta estratégia, temos a segunda que, de acordo com estes autores, apesar de abrir um leque maior em termos de tempo e aspecto, não é produtiva com o uso da partícula ‘se’. De acordo com os autores, a perda de produtividade da segunda estratégia tem que ver com a queda de ‘se’, não obstante que

os seus resquícios continuem a ocorrer, preferencialmente na língua-padrão, o nível mais conservador, em contextos de cristalização, como por exemplo em:

9a. ‘Vende-se esta casa.’

b. ‘Aluga-se kitnet.’

(QUAREZEMIN e FUCHSBERGER, 2020, p.99)

Para além das duas estratégias de indeterminação acima apontadas, alguns linguistas, entre os quais, Rocha Lima citado por Souza e Sousa (2019) e Lunguinho e Medeiros Júnior (2009) defendem que existe uma 3ª regra, na qual este mecanismo realiza-se através do uso de um pronome indefinido, conforme os exemplos que se seguem:

10a. *Alguém* bateu à porta.

(SOUZA e SOUSA, 2019, p. 91)

b. *Alguém* roubou meu lanche.

c. Se você fizer isso, depois *neguim*³ [ninguém] vai te encher a paciência.

(LUNGUINHO; MEDEIROS JÚNIOR, 2009, p. 9)

Diferentemente dos exemplos discutidos em (6 e 7), em que a indeterminação do sujeito realiza-se através da flexão do verbo na 3ª pessoa do singular, com a partícula ‘se’ e a flexão do verbo na 3ª pessoa do plural sem referência externa, nas construções acima constatamos que este mecanismo se realiza através do uso dos pronomes indefinidos “alguém”, em (10a) e (10b) e “[ninguém]”, em (10c).

Sobre o processo de indeterminação de sujeito no PB, as pesquisas atuais de cunho sociolinguístico, entre as quais, Lunguinho e Medeiros Júnior (2009), Mendonça e Nascimento (2015), Oliveira (2018), Souza e Sousa (2019) e Quarezemin e Fuchsberger (2020) apontam o surgimento de novas estratégias de indeterminação de sujeito: *i.* o preenchimento da posição do sujeito por um sintagma nominal cuja referência é genérica e *ii.* a ocorrência de sintagmas preposicionados em posição canônica de sujeito, com fins de indeterminar a referência do sujeito, conforme documentam os exemplos que se seguem:

³ Conforme o autor.

- 11a. Aí você se descuida e vem todo mundo em cima de você.
 b. A *gente* vem aqui para se consultar e o médico nunca está.
- 12a. *Naquela loja do shopping* vende/vendem roupas baratas.
 b. *No curso* ensina/ensinam bordado à mão.

(QUAREZEMIN e FUCHSBERGER, 2020, p. 101)

Analisando os exemplos do PB acima apresentados, a indeterminação do sujeito também pode ser promovida pelos sintagmas nominais *você*, exemplo (11a) e *gente* (11b), usados genericamente. Para além destes, os sintagmas com um referente genérico também podem ser constituídos por 'tu', 'o cara', 'a pessoa', etc. Em (12) constatamos que a indeterminação da referência de sujeito também pode ser realizada através de sintagmas preposicionados com este propósito, no caso em análise, *naquela loja do shopping*, exemplo (12a) e *no curso*, em (12b).

Nas línguas românicas a indeterminação de sujeito pode ser realizada por diferentes estratégias, a saber: *i.* flexão do verbo na terceira pessoa do singular + a partícula 'se'; *ii.* flexão do verbo na terceira pessoa do plural sem antecedente explícito; *iii.* uso de um pronome indefinido; *iv.* preenchimento da posição do sujeito por um sintagma nominal cuja referência é genérica e *v.* ocorrência de sintagmas preposicionados em posição canônica de sujeito, com o objetivo de garantir a indeterminação da referência do sujeito.

4 INDETERMINAÇÃO DE SUJEITO NA LÍNGUA RONGA

A indeterminação do sujeito é, conforme dissemos, um fenômeno interlinguístico que, para além de ocorrer nas línguas naturais mencionadas na revisão de literatura, também registra-se ao nível das LB, de que a língua ronga faz parte. Assim, para efeitos de indeterminação do sujeito, os falantes de ronga recorrem a diferentes estratégias, entre as quais, o uso da passiva adjetival, que se efetiva através da extensão passiva **-iw-** e da passiva de **ku-** e **-iw-**⁴, conforme os exemplos que a seguir apresentamos:

- 13a. Doropa dri-hohlot-iw-ile tolo.
 5.cidade 5.MC-destruir-Ext. Pas-Pass Adv.ontem
 'A cidade foi destruída ontem.'

⁴ Equivalente à passiva de -se, na língua portuguesa.

b. Nsinya wu-ta-his-iw-a mundruku.
 3.árvore 3.MC-Fut-queimar-Ext. Pas-VF Adv.amanhã
 'A árvore será queimada amanhã.'

c. Vakhongeli va-trakimis-iw-ile tolo.
 2.crentes 2.MC-batizar-Ext. Pas-Pass Adv.ontem
 'Os crentes foram batizados ontem.'

[M55Bo]

d. Mpahla yi-ta-pasar-iw-a mundruku.
 9.roupa 9.MC-Fut-engomar-Ext. Pas-VF Adv.amanhã
 'A roupa será engomada amanhã.'

e. Xi-pfalu xi-pful-iw-ile.
 7.porta 7.MC-abrir-Ext. Pas-Pass
 'A porta foi aberta.'

[F47Mat]

14a. ku-yiv-iw-ile ti-mbuti hinkwa-tu.
 17.roubar-Ext. Pas-Pass 10-cabritos todos-10.MC
 'roubou-se todos cabritos.'

b. ku-his-iw-ile nhova.
 17.queimar-Ext. Pas-Pass 9.mata
 'queimou-se a mata.'

[M55Bo]

c. ku-nchimis-iw-ile xi-koti.
 17.sujar-Ext. Pas-Pass 7-casa de banho
 'sujou-se a casa de banho.'

d. ku-dlay-iw-ile ti-mbzana ta mu-yakelani.
 17.matar-Ext. Pas-Pass 10-cães de 1-vizinho
 'matou-se cães do vizinho.'

e. ku-gwandri-wi-le yindlu.
 17.arrombar-Ext. Pas-Pass 9.casa
 'arrombou-se a casa.'

[F41Mar]

Analisando as construções acima apresentadas constatamos que, do ponto de vista sintático, não é possível determinar os sujeitos das ações expressas pelos verbos. Esta indeterminação dos sujeitos, tanto pelo desconhecimento, quanto pela necessidade de preservação da face, efetiva-se, por um lado, através uma construção passiva adjetival, exemplos (13), que se concretiza pela incorporação da extensão passiva **-iw-**, na estrutura verbal e, por outro lado, através da afixação de dois morfemas na estrutura do radical verbal, designadamente, o prefixo **ku-** (classe 17) e a extensão **-iw-**. Por isso mesmo, nestes contextos defendemos que **ku-** e **-iw-** constituem índices de indeterminação.

Para além de serem afixados aos radicais⁵ do tipo CVC, exemplos (14a, 14b e 14d) ou ainda mais longos, exemplos (14c e 14e) os índices de indeterminação de sujeito acima identificados também podem ser acoplados aos verbos do tipo C, ou seja, radicais não derivados cuja estrutura é unicamente constituída pela consoante, conforme os exemplos que a seguir apresentamos:

- 15a. Tolo ku-d-iw-ile nyama.
 ADV.Ontem 17-comer-Ext. Pas-Pass 9.carne
 'Ontem comeu-se carne.'
- b. Wu-sikw-ini ku-b-iw-ile mu-yivi.
 14.noite-LOC 17-bater-Ext. Pas-Pass 1.ladrão
 'À noite foi batido um ladrão.'

[M64Mar]

Nos exemplos acima apresentados constatamos que os índices de indeterminação de sujeito são afixados aos radicais verbais **-d-** 'comer' e **-b-** 'bater', morfologicamente do tipo C. Note-se que em termos de predicação verbal, os dados em análise mostram que a estratégia da construção passiva ocorre preferencialmente com os verbos transitivos, ou seja, aqueles que para adquirir sentido completo necessitam de integrar complementos, conforme as construções em (15). Entretanto, os exemplos em (16) sugerem que esta estratégia também registra-se com os verbos intransitivos, ou seja, aqueles que para adquirir sentido não necessitam de complementos.

5 Neste artigo, radical é o "constituente da palavra que contém o significado lexical e não inclui afixos de flexão, mas pode incluir os afixos derivacionais" (XAVIER; MATEUS, 1992, p. 321).

16a. Wu-sikw-ini ku-dril-iw-ile svinene.
 14. noite.LOC 17.MC-chorar-Ext. Pas-Pass ADV.muito
 'À noite chorou-se muito.'

b. Nkama wa wukolonyi ku-hluphek-iw-ile svinene.
 3.época Part. Gen.de 14.colonialismo 17.MCS-sofrer-Ext.Pas-Pass
 ADV.muito
 'Na época do colonialismo sofreu-se muito.'
 [F59Bo]

As construções acima apresentadas não diferem das analisadas em (15), na medida em nelas também verificamos que os verbos *-dril-* 'chorar' e *-hluphek-* 'sofrer', apesar de, em termos de predicação, serem intransitivos, permitem a indeterminação dos sujeitos.

No que concerne aos tempos verbais, a indeterminação de sujeito através da construção passiva de **ku-** e **-iw-** não ocorre exclusivamente quando as ações expressas pelos verbos estão no passado, conforme os exemplos até aqui avançados. Os dados que a seguir apresentamos sugerem que esta estratégia também se aplica nos contextos em que as ações estão no presente e no futuro:

17a. ku-ta-truvul-iw-a ma-filuri jaradi.
 17.Fut-tirar- Ext. Pass-VF 6.flores 5.jardim
 'tirar-se-á flores no jardim.'

b. kuxavis-iw-a nyama ya homu.
 17.Rad-produzir-Ext.Pass-VF 9.carne de 9.vaca
 'vende-se carne de vaca.'
 [F34Mat]

Conforme mostram os exemplos acima, enquanto em (17a) a ação expressa pelo verbo está no futuro, através do morfema **-ta-**, em (17b) a ação está no presente.

Para além da estratégia da construção da passiva, a indeterminação do sujeito gramatical também pode ser realizada através da flexão do verbo na 3ª pessoa do plural, especificamente nos contextos em que não existe um antecedente explícito, conforme os exemplos que a seguir apresentamos:

18a. Va-yiv-ile ti-mbuti hinkwa-tu.
 2.MCS-roubar-Pass 10-cabritos todos-10.MC

‘Roubaram todos os cabritos.’

- b. *Va-his-ile* *nhova.*
 2.MCS-queimar-Pass 9.mata
 ‘Queimaram a mata.’

- c. *Va-rholel-ile* *ti-nkarosi.*
 2.MCS-apanhar-Pass 10.castanha
 ‘Apanharam castanha.’
 [M40Mat]

- d. *Va-nchimis-ile* *xi-koti*
 2.MCS-sujar-Pass 7.casa de banho
 ‘Sujaram a casa de banho.’

- e. *Va-dlay-ile* *ti-mbzana ta mu-yakelani.*
 2.MCS-matar-Pass 10.cães de 1.vizinho
 ‘Mataram os cães do vizinho.’

- f. *Va-gwandr-ile* *yi-ndlu.*
 2.MCS-arrombar-Pass 9.casa
 ‘Arrombaram a casa.’
 [M40Mat]

- g. *Va-truvul-ile* *ma-filuri jaradi.*
 2.tirar-Pass 6.flores 5.jardim
 ‘Tiraram flores no jardim.’

- h. *Va-svek-ile* *nyama ya n-gwenya ni m-punga.*
 2.MCS-cozinhar-Pass 9.carne de 9.crocodilo e 3.arroz
 ‘Cozinharam carne de crocodilo e arroz.’
 [F23Bo]

Os exemplos acima apresentados ilustram as construções que normalmente são produzidas por qualquer falante nativo de Ronga, nos contextos em que se depara com o seu curral vazio, em (18a); sua machamba totalmente queimada, em (18b); com pegadas de seres humanos no seu cajueiro, em (18c); a sua casa de banho suja, em (18d); com cães do seu vizinho sem vida, em (17e); com a sua casa arrombada, em (18f), com a ausência de flores na campã do seu ente querido, em (18g) e quando alguém é perguntado “o que se cozinhou aí em casa (ou outro lugar específico)”, em

Analisando morfologicamente os exemplos em discussão, constatamos que aos verbos *-yiv-* ‘roubar’; *-his-* ‘queimar’; *-rhol-*, ‘apanhar’; *-nchimis-* ‘sujar’; *-dlay-* ‘matar’; *-gwandr-* ‘arrombar’; *-truvul-* ‘tirar’ e *-svek-* ‘cozinhar’, foi prefixado a partícula **va-**, que constitui prefixo da classe 2 e marca de concordância selecionada quando os nomes desta classe constituem núcleos de sujeitos gramaticais. Entretanto, se as partículas prefixadas fossem **a-**, **ni-** e **hi-**, seria impossível indeterminar o sujeito, na medida em que, por um lado, exigir-se-ia um antecedente explícito entre os interlocutores e, por outro lado, o próprio contexto e a marca de concordância selecionada permitem determinar o sujeito, conforme mostram os exemplos que se seguem:

- b. A-nchimis-ile xi-koti.
1.MCS-sujar-Pass 7.casa de banho
'Sujou a casa de banho.'

b.	Ni-his-ile	nhova.
	1PS.MCS.eu-queimar-Pass	9.mata
	‘(Eu) queimei a mata.’	

21a. Hi-nchimis-ile xi-koti.
1PP.MCS.nós-sujar-Pass7.casa de banho
'(Nós) sujámos a casa de banho.'

- [F43Mat]

Para além da flexão do verbo na 3ª pessoa do plural e construção passiva, através da afixação simultânea dos morfemas indeterminadores **ku-** e **-iw-** a verbos transitivos e intransitivos, os falantes da língua ronga também recorrem a uma terceira estratégia, conforme ilustram os exemplos que a seguir apresentamos:

- [F34Mat]

entre
bala
ras

clareza os sujeitos a que os verbos se referem. São estes sintagmas nominais de referência genérica que, quando são preposicionados, promovem a indeterminação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo discutimos as estratégias de indeterminação de sujeito na língua ronga, com o objetivo de identificar aquelas que os falantes adotam no processo de indeterminação do sujeito. Os dados que sustentam esta pesquisa foram recolhidos nos distritos de Maracuene, Matola e Boane, através de um questionário estruturado, administrado a um universo de vinte falantes nativos da língua ronga, entre os quais, oito mulheres e doze homens.

Os dados analisados, com base nas abordagens teóricas de Miotto Silva e Lopes (2004), Perini (2010) e Bechara (2010), revelaram que os falantes da língua ronga indeterminam o sujeito através de fundamentalmente três estratégias, a saber: *i.* o uso das passivas adjetival e de **ku-**, *ii.* a flexão do verbo na 3ª pessoa do plural, sem antecedente explícito; e *iii.* o preposicionamento de sujeito com referência genérica. Do conjunto destas três estratégias, a mais recorrente é a segunda. Esta constatação resulta do fato de em termos comparativos, ser a que foi usado por todos os informantes, bem como o fato de ser esta a que apresentou maior volume de construções.

Excetuando a estratégia de preposicionamento de sujeitos com referência genérica, como por exemplo *mhunu* 'ser humano', *mulandi* 'negro' e *murhonga* 'indivíduo ronga', morfologicamente, os dados mostraram que enquanto a passiva adjetival efetiva-se através da extensão passiva **-iw-**, a outra realiza-se através de **ku-** e **-iw-**, acoplados na estrutura de radicais verbais, tanto nos contextos em que as ações expressas estão no passado, quanto no presente e futuro. Para além destes morfemas, temos ainda **va-**, na estratégia de flexão do verbo na 3ª pessoa do plural, sem antecedente explícito. Por isso, defendemos que nestes contextos, **ku-**, **-iw-** e **va-** constituem morfemas indeterminadores de sujeito.

Estamos cientes que neste artigo não identificamos todas as estratégias de indeterminação do sujeito que os falantes da língua ronga têm ao seu dispor. Por isso, em trabalhos futuros retomaremos esta pesquisa, de modo a identificar outras formas de cunho sociolinguístico.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M.; O. PINTO, M. I. LOPES, M. **Da Comunicação à Expressão: Gramática Prática de Português**. Lisboa: Lisboa Editora, 2009.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

BORREGANA, A. A. **Gramática latina**. Lisboa: Lisboa Editora, 2002.

BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

CANONICI, N. **A manual of comparative Bantu Languages**. Durban: University of Natal, 1991.

CHAMBO, G. *et al.* **Xivaningelo xa Xirhonga**. 1 ed. Vigo: Universidade de Vigo, 2020.

CONCEIÇÃO, M. da. A brief look at the sociolinguistics of ronga and other languages spoken in Mozambique. *In*: Hargus, Sharon, e Conceição, Manuel da (eds.), **Ronga linguistics**, University of Washington, 1999.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 10 ed. Lisboa: João Sá da Costa, 2011.

DOKE, C. **The Southern Bantu Languages: Handbook of African Languages**. London: Oxford University Press for the International African Institute, 1967.

DURANTE, D. Os usos de “você” como forma de indeterminação do sujeito no discurso de falantes cultos. **Signótica**, v 28, n 2, p. 533-556, 2016.

GIBSON, H.; ROZEN, G.; MARTEN, L. Patterns and developments in the marking of diminutives in Bantu. **Nordic Journal of African Studies**, v 26, n 4, p. 344-383, 2017.

GUTHRIE, M. **Comparative bantu**, V. I-IV, Clarendon: Oxford University Press, 1967-1971.

KIMENYI, A. **A relational grammar of Kinyarwanda**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1980.

LUNGUINHO, M. V. da S.; MEDEIROS JÚNIOR, P. Inventou um tipo novo de sujeito: características sintáticas e semânticas de uma estratégia de indeterminação do sujeito no português brasileiro. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**, n 16, p. 7-21, 2009.

MACALANE, G. **A variação paramétrica das interrogativas parciais em Cinyanja**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 2013.

MATEUS, M. H. M. *Et al.* **Gramática da língua portuguesa**, Lisboa: Caminho, 2003.

MENDONÇA, J. de J.; NASCIMENTO, J. dos S. Estratégias de indeterminação do sujeito: polidez e relações de gênero. *In*: Freitag, Raquel Meister Ko.; Severo, Cristine Gorski (Orgs.). **Mulheres, linguagem e poder** - estudos de gênero na sociolinguística brasileira. São Paulo: Blucher, 2015.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, E. V. **Novo manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 2004.

NGUNGA, A. **Introdução à linguística bantu**. 2 ed. Maputo: Imprensa Universitária, 2014.

NGUNGA, A.; FAQUIR, O. (eds). **Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 2012.

OLIVEIRA, L. de. Estratégias de indeterminação do sujeito em línguas românicas. **Revista do GELNE**, n. 20, p. 30-45, 2018.

PERINI, M. **Gramática descritiva do português**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.

PERINI, M. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

QUAREZEMIN, S.; FUCHSBERGER, G. Indeterminação do sujeito no português brasileiro: o pessoal tá inventando moda. **Travessias em língua portuguesa**, p. 93-105, 2020.

RIBEIRO, A. **Dicionário gramatical Changana**. Maputo: Paulinas, 2010.

ROCHA LIMA, H. de C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49 ed. Rio de Janeiro: Olympio, 2011.

SITOE, B.; MAHUMANE, N.; LANGA, P.. **Dicionário Ronga-Português**. Maputo: Texto Editores, 2008.

SOUZA, G. de O.; SOUSA, V. V. A indeterminação do sujeito na Linguística Descritiva: novas abordagens e estratégias alternativas. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, n 13, p. 87-96, 2019.

SVOBODOVÁ, I. **Sintaxe da língua portuguesa**, Brno: Masarykova univerzita, 2014.

VAN DE VELDE, M. Nominal morphology and syntax. **The bantu languages**. 2 ed. London: Routledge, p. 237-269, 2019.

ZORC, D.; NIBAGWIRE, L. **Kinyarwanda and Kirundi comparative grammar**. Hyattsville: Dunwoody Press, 2007.

DIMANDE, ERNESTO. ESTRATÉGIAS DE
INDETERMINAÇÃO DE SUJEITO NAS LÍNGUA
BANTU: O CASO DA LÍNGUA RONGA.
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, V. 13, N. 1,
E259S, P. 420-442, JAN.-ABR./2023. DOI:
10.2216S/2237-63211259S